

Artigo de Pesquisa

Atividade Acadêmica enquanto Trabalho: Vivências de “Prazer-Sofrimento” em Universitários

Liliam Deisy Ghizoni¹, Janaína Vilares da Silva², Marcos Jhones Gomes dos Santos³

¹ <https://orcid.org/0000-0002-1254-7455/> Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO, Brasil.

² <https://orcid.org/0000-0002-7589-1886/> Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO, Brasil.

³ <https://orcid.org/0009-0002-5213-5356/> Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO, Brasil.

Resumo

O presente estudo buscou identificar os fatores que contribuem para os processos de prazer-sofrimento de universitários em uma universidade federal do norte do país, que cursaram em 2019/2 a disciplina “Prazer-Sofrimento na Universidade”. Trata-se de uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa e natureza descritiva. Foi aplicado um questionário disponibilizado via *Google Forms*, compartilhado no grupo de *WhatsApp* da turma, no qual foram consideradas válidas as respostas de 26 participantes ao se aplicar critérios de inclusão e exclusão. Os dados foram analisados com o auxílio do Excel e utilizando como abordagem teórica a Psicodinâmica do Trabalho. Como resultado, foi identificado que a maior parte dos universitários se sentem sobrecarregados, principalmente com o Trabalho de Conclusão de Curso, o número de disciplinas, a alta carga horária e a desorganização de professores. Todavia, também foram apresentadas fontes de prazer, como a convivência com os amigos, o próprio ato de estudar, as relações interpessoais com os colegas e com os professores. Conclui-se que as vivências de prazer-sofrimento dos universitários são indissociáveis da organização do trabalho experienciada na Universidade.

Palavras-chave: Universitários, Trabalho, Prazer, Sofrimento.

Academic activity as work: experiences of “pleasure-suffering” in university students

Abstract

The present study sought to identify the contributing factors to the pleasure-suffering processes of students at a federal university in the North of the country, who attended the subject “Pleasure-Suffering at the University” in 2019/2. This is a field research, with a qualitative approaching and descriptive nature. A questionnaire available via *Google Forms*, shared in a *WhatsApp* group, was made and applied with inclusion and exclusion criteria, the sample consisted of 26 participants. The data were analyzed with Excel assistance, using the *Psychodynamics of Work* as a theoretical approaching. As a result, it was identified that most

Submissão: 04/09/2023
Aceite: 19/03/2024
Editora responsável pela avaliação:
Prof.^a Dr.^a Lêda Gonçalves de Freitas.
Editora de Leiaute: Dr.^a Beatriz Albarello.

Como citar esse artigo: Ghizoni, L. D., Silva, J. V. & Santos, M. J. G. (2024). Atividade acadêmica enquanto trabalho: vivências de “prazer-sofrimento” em universitários. *Trabalho (En)Cena*. 9 (contínuo), e024004, 1-23. <https://doi.org/10.20873/2526-1487e024004>

students feel overwhelmed, especially with the Course Completion Work, the number of subjects, the high workload and the disorganization of professors. Nevertheless, pleasure sources were also presented, such as interaction with friends, the act of studying itself and the interpersonal relations with the classmates and professors. It is concluded that the experiences of pleasure-suffering of university students are inseparable from the organization of work experienced at the University.

Keywords: Students, Work, Pleasure-suffering.

O mundo universitário tem passado por diversas mudanças nos últimos tempos, embora as fontes causadoras sejam as mais diversas possíveis, dentre as principais transformações, podemos destacar a implantação de ajustes e conceitos neoliberais impondo adequações a organização e a função do ensino superior ao chamado “mundo do trabalho” (Martins, 2005).

O estudante universitário, quando ao finalizar o ensino médio insere-se na faculdade, encontra-se em um período de transição da adolescência para a vida adulta. Neste momento, equipara-se com situações e desafios que permeiam este amadurecimento, com deveres e cobranças adjacentes ao âmbito acadêmico (produtividade, resultados, avaliações), distanciamento do núcleo familiar, a criação de novas redes e amizades, relacionamento com a instituição e seus funcionários, dupla jornada de trabalho (estudo e emprego), cuidar da própria família, dentre outros (Aliante, Abacar, Saquina, & Aristides, 2019; Arenas, Viduani, Zortéa, & Bassols, 2019; Barboza, Dantas & Santos, 2019; Caponi et al., 2021; Neves, Ramos, Marangoni, & Martins, 2019; Silva & Ghizoni, 2023).

Os universitários encontram-se inseridos em uma estrutura com várias cobranças “obrigatórias”, como ocorre em um contrato de trabalho. É necessário ter horários bem definidos para estudos, frequentar as aulas, realizar estágios, dentre outras demandas, que exigem esforços, muitas vezes exaustivos, para cumprimento dos exercícios avaliativos. Além de toda a competitividade inserida neste contexto pela organização da universidade, dos docentes e pelos próprios colegas estudantes, podendo levar ao estresse, conflitos e ao adoecimento (Aliante et al., 2019; Arenas et al., 2019; Barboza, Dantas & Santos, 2019; Neves, et al., 2019; Oliveira, Pereira, Carreiro, Coutinho, & Coutinho, 2017).

Neste contexto, ao sistematizar os fatores associados à saúde mental de estudantes universitários, existem alguns fatores que diferem da população geral (Ariño, 2022). A satisfação acadêmica, a demanda acadêmica percebida e a relação com os professores, com os colegas e com a própria instituição, são fatores que afetam direta e indiretamente a saúde mental dos universitários (Ariño, Cruz, Ródio-Trevisan & Gai, 2023).

O estudo empírico de Ariño (2022) com 1.230 universitários, demonstrou que dentre os participantes da pesquisa, 25,3% (n = 311) apresentavam algum diagnóstico de transtorno mental, e 38,5% (n = 473) relatavam algum histórico familiar de doenças mentais. A autora ainda pontua que nas escalas de avaliação de saúde aplicadas observou-se uma média de ansiedade de 16,24 pontos brutos, sendo que 92,9% dos participantes apresentaram resultados indicativos de níveis extremos severos de ansiedade (Ariño, 2022).

Segundo Arenas et al. (2019) o período da graduação é um momento da vida do sujeito normalmente caracterizado como uma etapa de transição, a qual requer alto grau de adaptação, na relação vivenciada com a organização em que o estudante está inserido, uma vez que o ambiente pode potencializar estressores institucionais, pessoais, sociais e econômicos. Assim, compreende-se o estudar como um trabalho, tal como já afirmaram os estudos de Silva, Ghizoni e Lage (2021), Silva, Ghizoni e Cecchin (2022) e Moraes, Ghizoni, Pinheiro, & Silva (2021).

Deste modo, o estudar pode ser fonte de prazer, mas também pode ser responsável pelo sofrimento e até mesmo adoecimento dos universitários, em decorrência dos riscos psicossociais presentes na organização do trabalho (Perez, Brun & Rodrigues, 2019; Pinto e Silva, Todaro & Reis, 2020; Silva, Ghizoni & Cecchin, 2022). O adoecimento no ambiente de trabalho hoje, se comparado há anos, aumentou significativamente em diferentes áreas de trabalho devido às formas de organização do trabalho existentes na atualidade (Cutrim & Leda 2020; Souza & Bernardo, 2019).

Universitários em processo de adoecimento não são exclusividade do Brasil. A Universidade Franciscana de Steubenville, Ohio, Estados Unidos observou um aumento significativo nos atendimentos aos seus estudantes, deste modo, foram investigar os potenciais correlatos de depressão, ansiedade e estresse neste público (Beiter et al., 2015). Os pesquisadores descobriram que as três principais preocupações se centravam no desempenho acadêmico, na pressão para o sucesso e nos planos de pós-graduação (Beiter et al., 2015).

Com os atravessamentos vivenciados pela pandemia por Covid-19, sobretudo entre os anos de 2020 e 2022, os universitários do mundo todo sofreram com as mudanças obrigatórias que as universidades implantaram. Por exemplo, os estudantes da Universidade de Valladolid, na Espanha, apresentaram escores moderados a extremamente graves de ansiedade, depressão e estresse e um total de 50,43% dos participantes apresentaram impacto moderado a grave do surto (Odriozola-González et al., 2020). Entretanto os primeiros estudos sobre saúde mental de estudantes, datam de 1974 e versam sobre a baixa procura de ajuda em estudantes universitários australianos que relataram ter alguma doença mental (McMichael & Hetzel, 1974a; McMichael

& Hetzel, 1974b). Destarte, há 50 anos os autores já pontuavam a necessidade de medidas preventivas e instalações de apoio à saúde mental dos estudantes dentro das universidades.

Ressaltamos que neste estudo, ao analisar todo este cenário de adoecimento que o universitário está inserido, percebemos que ele está dentro de uma organização do trabalho, como qualquer outra. Assim, discutimos o “trabalho” como uma atividade humana, individual ou coletiva, de caráter social, complexa, dinâmica, mutante, que se distingue de qualquer outro tipo de prática animal por sua natureza reflexiva, consciente, propositiva, estratégica, instrumental e moral (Coutinho, 2009).

Em razão do exposto, consideramos os estudantes universitários como trabalhadores, uma vez que o estudar engloba toda uma complexidade em sua execução e exigências impostas que se assemelham muito aos observados em um trabalho remunerado, dito emprego. Trata-se de um trabalho invisível e pouco reconhecido (A. M. Silva, 2020; J. V. Silva, 2019; J. V. Silva et al., 2021; J. V. Silva et al., 2022; Moraes et al., 2021).

Desta forma, o presente estudo buscou identificar os fatores que contribuem para os processos de prazer-sofrimento de universitários, de uma instituição federal do norte do país, que cursaram em 2019/2 uma disciplina optativa, chamada “Prazer-Sufrimento na Universidade”, ofertada para alunos dos cursos de medicina e jornalismo desta instituição. Para tanto foram mapeados os principais sintomas de sofrimento e de adoecimento dos participantes, bem como sondou-se sobre a participação em atividades ofertadas pela universidade envolvendo a Saúde Mental dos estudantes.

Prazer-sofrimento do trabalho

O trabalho é um termo tão antigo quanto a própria humanidade, emergiu da palavra “*trabs/trabis*” originária do latim, cujo significado é viga, da qual emergiu as palavras *tripaliare* e *tripalium*, nome dado a um instrumento com três pontas, utilizado para conter animais e forçar escravos a aumentar sua produção, ou seja, também um meio de tortura (Araújo, 2008; Bueno, 1988; Ferrari, Nascimento, & Martins Filho, 1998; Oliveira & Silveira, 2012).

Assim, o termo “trabalho” foi evoluindo com o passar dos anos e o avanço da civilização, de forma a definir todo e qualquer esforço realizado com o objetivo de atingir um objetivo, ou seja, toda atividade exercida pelo homem (Cesarino Júnior, 1970; Furquim, 2001; J. V. Silva, 2019). Portanto, o trabalho torna-se necessário para a sobrevivência e subsistência do ser humano, em um ciclo fundamental da sua natureza (Alves, 2014).

Nesta produção foi adotado a visão de que o trabalho e o trabalhar são como uma ação transformadora do ser humano sobre a natureza, capaz de modificar sua maneira de pensar, agir e sentir, e ao mesmo tempo se autoproduzir, enquanto produz sua própria cultura (Abbagnano, 2007; Aranha, 1996; J. V. Silva, 2019). Desta forma, a Psicodinâmica do Trabalho foi a teoria adotada para análise dos dados, uma vez que esta foca saúde do trabalhador enquanto sujeito inserido em uma organização do trabalho em que vivência encontros e desencontros com relação as tarefas prescritas e as reais (Amaral, Marcelino & Silva, 2020; Dejours, 2011; Salgado, Aires & Santos, 2018).

A Psicodinâmica do Trabalho é uma disciplina clínica e teórica que emergiu na França em 1980, através de discussões da Psicopatologia do Trabalho, com a publicação de “Travail: Usure Mentale. Essai de Psychopathologie du Travail”, que chegou no Brasil com a tradução “A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho”, em 1987, trazendo um novo olhar com o foco na análise dos processos psíquicos do sofrimento do trabalhador. Atualmente, esta teoria e método se fundamenta na observação e escuta de circunstâncias vivenciadas pelos trabalhadores ao estudar as novas configurações das organizações e do trabalho, as estratégias defensivas, as patologias sociais e o sentido das vivências do trabalhador (Dejours & Abdoucheli, 1994; Giongo, Monteiro & Sobrosa, 2015).

Os conteúdos abordados na Psicodinâmica do Trabalho têm como fundamento a descrição e as informações a respeito das relações entre trabalho e saúde, a qual não significa ausência de sofrimento, mas sim o potencial que cada trabalhador possui de utilizar os recursos internos e externos, a fim de transformar o sofrimento pela busca do prazer e da realização. Assim, esta é uma teoria que envolve conhecimentos provenientes tanto da psicanálise quanto da sociologia, trazendo também informações da psicologia do trabalho (Amaral, Marcelino & Silva, 2020; Giongo, Monteiro, & Sobrosa, 2015; Martins, Moraes, & Lima, 2010).

Neste contexto, um dos principais focos da Psicodinâmica do Trabalho é a organização do trabalho, que possui um papel fundamental no processo de saúde/doença do trabalhador, no qual a rigidez mostra-se inversamente proporcional à promoção de saúde mental. Dessa forma, a organização do trabalho encontra-se relacionada com diversas outras variáveis dentro da Psicodinâmica do Trabalho, como o processo prazer-sofrimento, saúde, identidade do trabalhador, reconhecimento, estratégias defensivas, mobilização subjetiva, dentre outras (Anjos, 2013; Cutrim & Leda, 2020; Giongo, Monteiro, & Sobrosa, 2015; Oliveira, Macedo, & Sousa, 2020).

Assim, a organização do trabalho estabelece a divisão das atividades e dos homens no ambiente de trabalho, ao determinar o “trabalho prescrito”, que são os mecanismos de controle

(fiscalização, hierarquia, procedimentos, etc.) que apresentam as definições acerca da divisão do trabalho, as normas, o tempo e o controle estabelecido para o desempenho da tarefa. E o “trabalho real”, aquilo que se mostra ao trabalhador quando este se vê diante de incidentes ou imprevistos, tal experiência se dá por meio da vivência do fracasso e reações de desconforto (Amaral, Marcelino & Silva, 2020; Cutrim & Leda, 2020; Giongo, Monteiro, & Sobrosa, 2015; Martins et al., 2010; Moraes, 2013; Tschiedel & Monteiro, 2013).

Na Psicodinâmica do Trabalho são compreendidos três tipos de sofrimentos: criativo, patogênico e ético. Quando o trabalhador consegue usar sua inteligência prática e reconhece a importância da organização laboral o trabalho torna-se fonte de prazer. Também quando existe a compatibilidade entre tarefa prescrita e atividade real ou quando uma organização flexível do trabalho permite negociar ou adapta-se às condições adversas de uma determinada situação, abre-se um caminho para vivências de prazer na organização (Salgado et al., 2018). Já quando o crescimento do sofrimento não dá espaço para a criatividade, esgotando os recursos defensivos do sujeito este pode vir a se tornar um sofrimento patogênico, podendo levar ao adoecimento (Amaral, Marcelino & Silva, 2020; Dejours, 2007; Moraes, 2013).

O sofrimento ético é observado quando o trabalhador vai de encontro aquilo que lhe é concebido moral e eticamente, realizando ou participando de ações em seu trabalho que vão contra suas crenças e valores, sendo, portanto, o conflito moral e emocional consigo mesmo (Vasconcelos, 2013).

O prazer ocorre quando se possibilita a valorização e o reconhecimento do trabalhador, principalmente ao fazer uma tarefa significativa e importante para a organização e a sociedade, e que seja repleta de sentido e significado ao trabalhador (Sousa & Mendonça, 2009). De acordo com J. V. Silva (2019) a descoberta de novas amizades, aprendizados, experiências, assim como o contato social bem-sucedidos e inspirações revelam ser a fonte de prazer importantes no período da graduação, pois este, também, se encontra no afeto, nas relações e nas trocas.

Por fim, destaca-se que olhar para estudantes como trabalhadores é essencial para compreender os sentimentos, sofrimentos e prazeres que envolvem o estudar, com todas as suas exigências e cobranças.

A universidade federal e a saúde mental dos estudantes da graduação

O ano de 2018 foi marcado no meio acadêmico pela repercussão de alguns suicídios entre jovens universitários, sendo que um deles aconteceu dentro do campus universitário Darcy Ribeiro, na Universidade de Brasília (Fuzeira, 2018). O Brasil apresenta um coeficiente de seis

mortes em cada 100.000 habitantes por ano, é o oitavo no ranking mundial em número de suicídios, isto significa, 32 suicídios por dia (Pinto e Silva, Todaro & Reis, 2020; World Health Organization, 2014).

A universidade onde este estudo foi realizado também não ficou ileso, em 2017 foram dois casos de suicídio e no final de 2018 outro caso, que optamos por não expor aqui. Sem falar de tentativas de suicídio, ideações suicidas e até mesmo de transtornos psiquiátricos menores – estes se referem à situação de saúde de sujeitos que apresentam sintomas de depressão, ansiedade ou sintomas somáticos.

Várias iniciativas aconteceram no ano de 2018 em diversas universidades do país, no sentido de olhar a saúde mental dos universitários. Trabalhos como os de Andrade & Pires (2020) e Pinto e Silva et al. (2020) também abordaram este tema e apresentam informações e intervenções no sentido de lidar com o sofrimento dos estudantes, incluindo a realização de um simpósio para falar sobre o tema. Um dossiê sobre o tema foi organizado por Perez, K. V., Brun, L. G. & Rodrigues (2019) e publicado na revista Trabalho EnCena.

A universidade onde ocorreu esta pesquisa, por sua vez, juntou um coletivo de trabalho no ano de 2018 e criou um Programa de Promoção à Vida e à Saúde Mental, contando com a participação de vários profissionais de diversas formações, com representatividade dos vários campi da universidade e com membros da reitoria, cuja finalidade estava relacionada à criação de uma política institucional de bem-estar e saúde mental para a comunidade acadêmica¹.

Este programa tinha como objetivos oferecer estratégias de prevenção e enfrentamento, bem como ações de promoção em saúde para universitários, servidores (técnicos administrativos e docentes) e terceirizados, com ações que valorizassem a qualidade de vida, o bem-estar social e a saúde.

Uma das primeiras medidas do programa foi a aplicação de uma pesquisa para identificar as causas do sofrimento psíquico dentre os discentes de graduação da universidade, no qual foram entrevistados mais de 600 estudantes dentre todos os campi, em 2018. Dentre os resultados, foram evidenciados problemas de origens psicológicas, físicas, de meio ambiente e financeiras, como a dificuldade de acesso a serviços ou precariedade dos que são oferecidos (ex.: restaurante universitário ou moradia estudantil), a dificuldade no convívio entre docentes e discentes, a falta de práticas de acolhida de alunos, que muitas vezes vem de outros estados e passam a morar longe de suas famílias e rede de apoio, dentre outros.

¹ O Programa foi extinto no início da pandemia, em 2020.

Após a análise dessa pesquisa, o programa deu início à elaboração de práticas, destinadas à melhoria de relações humanas dentro da universidade, como a criação de rodas de conversas, palestra, oficinas e parcerias com outros programas da própria instituição.

Assim, neste movimento de enfrentamento ao mal estar social e inspirada na disciplina sobre “felicidade”, ofertada na Universidade de Brasília (UnB), a universidade pesquisada ofertou a disciplina optativa “Prazer e Sofrimento na Universidade”, pela primeira vez em 2019/1, nos cursos de graduação de administração e jornalismo, com o objetivo de trazer aos acadêmicos um espaço de fala e escuta para as suas narrativas sobre suas vivências de prazer-sofrimento e proporcionar condições para enfrentamento das adversidades da vida.

Esta disciplina foi pensada a partir das discussões de um coletivo interinstitucional de pesquisadores brasileiros através do grupo de *WhatsApp* nomeado “Grupo Saúde Mental nas IES”, criado em 2018 e uma roda de conversa com alunos de psicologia, psicólogos, assistentes sociais, ouvidores no Conselho Regional de Psicologia do Distrito Federal, também em 2018.

No segundo semestre de 2019 foram ofertadas duas turmas da disciplina “Prazer e Sofrimento na Universidade”, uma ofertada as segundas-feiras no período noturno (turma A), com universitários de jornalismo e medicina e a outra às quintas-feiras a tarde (turma B), contando com universitários administração, direito, engenharia civil e engenharia elétrica. Assim, salienta-se que neste artigo serão analisados os dados da turma A, uma vez que a turma B foi analisada em outra produção (A. M. Silva, 2020).

Destaca-se ainda que a universidade é multicampi e no campus sede há um setor chamado Serviço de Apoio Social, Pedagógico e Psicológico (SASPP), composto por psicólogos, pedagogos e assistentes sociais, capacitados para orientar os discentes que estejam passando por momentos críticos, dificuldades emocionais e psicológicas que eles enfrentam ao longo do processo de formação. Este serviço foi implantado em 2009 através do REUNI e desde então vem se (re)construindo dentro do Campus Palmas para atender a demanda de praticamente 6 mil alunos (Leite et al, 2015).

A universidade também conta com o Programa Auxílio Saúde, um subsídio financeiro, com prazo determinado, concedido aos estudantes de graduação presencial, em situação de excepcionalidade ou extrema vulnerabilidade socioeconômica e risco social, para ser utilizado com despesas para atendimento psicológico ou psiquiátrico e gastos com medicação para o tratamento.

Método

Trata-se de uma pesquisa social, de abordagem qualitativa, cujo objetivo principal foi levantar e aprofundar sobre a percepção de um grupo social (Richardson, 2017). Desta forma, a abordagem utilizada busca o aprofundamento da percepção de um grupo social (Silveira & Córdova, 2009), que neste estudo trata-se dos estudantes da graduação da turma A da disciplina optativa “Prazer e Sofrimento na Universidade”.

Quanto ao procedimento optou-se por uma pesquisa de campo, caracterizada pela realização de coleta de dados junto aos participantes da pesquisa (Gerhardt & Silveira, 2009). Assim, foi aplicado um questionário, adaptado do instrumento utilizado na dissertação de J. V. Silva (2019).

O instrumento foi dividido em cinco eixos: Eixo 1: Sobre os sintomas de sofrimento e de adoecimento; Eixo 2: Alternativas para amenizar o sofrimento e/ou adoecimento na Universidade; Eixo 3: Medidas adotadas pelo Campus da universidade; Eixo 4: Fontes de prazer dos estudantes; e Eixo 5: Dados pessoais. Optou-se por deixar a identificação do participante ao final do questionário com o objetivo de o instrumento tornar-se atrativo aos participantes e iniciar pelas perguntas consideradas mais densas.

Este instrumento foi hospedado na plataforma *Google Forms*, de forma on-line, contendo ao todo 44 perguntas, sendo 12 abertas (descritivas), 27 fechadas (múltipla escolha, binárias e escala Likert) e 5 mistas (aberta e fechada ao mesmo tempo). Sendo aplicado a todos os discentes da turma A, composta por 36 estudantes, dos cursos de medicina e jornalismo da universidade.

Todos os discentes foram convidados a participar e o preenchimento do instrumento se deu em sala de aula, tomando-se todos os cuidados éticos com a assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e ao se explicar sobre os riscos, sigilo e possibilidade de desistência da pesquisa a qualquer momento. Após a aplicação do questionário adotou-se os critérios de inclusão (estar regularmente matriculado na referida disciplina) e exclusão (não frequentar a disciplina e não aceitar participar da pesquisa), obtendo-se como respostas válidas o total de 26 participantes.

Optou-se por fazer análise descritiva dos dados, portanto para a análise do material foi adotado como abordagem teórica a Psicodinâmica do Trabalho, uma vez que seu corpo teórico sustenta reflexões da pesquisa de campo e adapta-se a diversidade da realidade brasileira (Silva, Ghizoni, & Cecchin, 2022).

Assim, apesar da possibilidade da integração entre os métodos quantitativo e qualitativo, conforme apontam Flick (2009) e Silva, Ghizoni e Cecchin (2022), esta pesquisa insere-se no método qualitativo, devido a forma adotada para a exploração dos elementos iniciais, o aprofundamento e a avaliação dos resultados encontrados, pois, apesar da existência de perguntas fechadas no instrumento, acredita-se que não caiba apenas a quantificação das informações obtidas, pois perder-se-ia a essência dos objetivos e da abordagem teórica escolhida.

Resultados e discussões

Participaram deste estudo 26 discentes (100%), sendo 19 (73,07%) do curso de medicina e 7 (26,92%) do curso de jornalismo. O perfil dos participantes é composto, em sua maioria, por pessoas jovens, na faixa dos 20 aos 25 anos (84,62%), solteiros (92,31%) e que não têm filhos (100%), com predominância do sexo feminino (57,69%).

As mulheres universitárias tendem a possuir piores condições de saúde mental. Possivelmente, por uma maior sobrecarga com relação a cultura atual imposta, em que as mulheres tendem a acumular uma jornada dupla, com afazeres domésticos e maternos (Barros & Peixoto, 2023; Da Matta, Câmara & Bonadiman, 2019).

A maior parte dos participantes não trabalhavam de forma remunerada concomitantemente ao curso (61,54%), mais da metade (57,6%) afirmaram se dedicar de 20 a 50 horas estudando dentro de sala de aula e uma boa parcela dos participantes (54%) alegaram se dedicar de 6 a 20 horas semanais de estudo fora da sala de aula. Infere-se que essa elevada carga horária destinada aos estudos e a baixa procura por um trabalho remunerado ocorra devido a maioria dos participantes serem do curso de medicina e este ser integral.

O adoecimento e os índices de riscos de Transtornos Mentais Comuns (TMC), depressão, ansiedade e estresse, entre estudantes de medicina não é algo recente (Conceição et al., 2019), sugere-se ser um grupo muito suscetível ao desenvolvimento de TMC (Aragão et al., 2017), portanto, mais vulneráveis a desfechos negativos em saúde em comparação com outros cursos (Farahangiz, Mohebpour, & Salehi, 2016; Mousa, Dhamoon, Lander, & Dhamoon, 2016), havendo uma maior prevalência de depressão entre esses universitários (Alfaris et al., 2016), bem como um certo descuido com a própria saúde ao cuidar da saúde do outro (Costa et al., 2023).

A partir desses dados é possível observar que quando se trata de estudantes da área da saúde, principalmente de universidade pública, a sociedade se volta para este sujeito com

expectativas sobre seu êxito acadêmico e comportamento, bem como sobre o retorno de todo o investimento feito em sua educação para a sociedade (Oliveira, Macedo, & Sousa, 2020; Pinto & Colares, 2015;). Na pesquisa de Ariño (2022) com estudantes universitários, em sua maioria de universidades públicas (n = 841, 68,4%), localizadas em zonas urbanas (n = 1211, 99,5%) e matriculados em seu primeiro curso superior (n = 907, 73,7%), a autora pontua que 92,9% dos participantes apresentaram resultados indicativos de níveis extremos severos de ansiedade.

Por outro lado, não foram encontrados estudos específicos com estudantes de jornalismo, embora saibamos que existem cursos (e áreas do conhecimento) que ocasionam diferentes formas de sofrimento e adoecimento para os universitários (Barros & Peixoto, 2023). Porém, estes mesmos autores pontuam que até o momento, estudos que comparam cursos e áreas de conhecimento têm sido insuficientes para que um padrão explicativo de adoecimento mais específico pudesse ser caracterizado.

Com relação ao consumo de tabaco, álcool e outras drogas, 11% afirmaram que iniciaram o consumo de alguma substância ao entrar na universidade e 19% responderam que aumentaram o consumo de alguma substância que já consumiam anteriormente. Destaca-se ainda que 19,23% dos participantes declararam que utilizam medicamentos para reduzir os sintomas de sofrimento, 84,62% dos participantes responderam que não fazem psicoterapia e 69,23% nunca consultaram com psiquiatras.

Sobre esses assuntos Ariño (2022) observou nos seus estudos que a maioria dos participantes não relataram consumo de cigarros (n = 1103, 89,7%), no entanto a maioria relatou consumir bebidas alcoólicas (79,8%) em uma frequência de consumo relatada como ocasional (de 1 a 4 vezes ao mês).

Neste contexto, Barroso, Ferreira & Pacheco (2023) apontam em seus estudos com estudantes dos cursos de exatas de universidade públicas que, independentemente de serem casados ou solteiros, aqueles que não trabalhavam e que possuíam baixo consumo de bebidas alcoólicas tinham uma melhor saúde mental.

Com relação aos principais sintomas negativos que surgiram ou foram acentuados após a entrada na universidade, foram apontados pelos participantes: irritabilidade e sono fragmentado (73,10%), dificuldade de concentração (69,20%), sentimentos de tensão (65,40%), desatenção (57,70%), inquietação, agitação e perde de interesse (53,80%), indecisão, fadiga e desânimo (50%) e sentimento de culpa (46,20%). Também surgiram as seguintes verbalizações nas questões abertas: vontade de desistir de tudo (27%), tristeza (23,10%), sensação de que não vale a pena viver e penso em morrer (19,20%), pensamentos de automutilação (15,40%),

desejar estar morto (7,70%), pensar em ferir outras pessoas propositalmente (3,80%) e tentativa de suicídio (3,80%).

Estes dados merecem destaque, pois o suicídio é a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos em todo o mundo e apresenta o mesmo ranking entre estudantes universitários (Cecchin et al., 2022). As características da vida acadêmica e relacionais associam-se ao sofrimento psíquico entre universitários (Graner & Cerqueira, 2019).

Os participantes (65,40%) também relataram que se sentem sobrecarregados com as pressões e as atividades acadêmicas que precisam desempenhar ao longo do semestre, como a alta quantidade de disciplinas cursadas, somada a carga horária de estudos fora da sala de aula, a dedicação em estudar conteúdo para provas e atividades, bem como a desorganização e conduta de alguns professores, cobranças excessivas, ambiente competitivo, cultura do não erro e pressão de ingresso no mercado de trabalho, que são intensificadas e acentuadas ao final do curso pois os discentes precisam conciliar as atividades rotineiras da vida acadêmica com o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Desta forma, 46,15% afirmaram que já pensaram em trancar o curso e 3,85% já trancaram a matrícula pelo menos uma vez.

A figura a seguir apresenta as falas dos participantes, sendo que, de acordo com o tamanho da palavra ela foi mais ou menos citada, ou seja, quanto maior, mais citada.

Figura 1

Nuvem de palavras com as respostas sobre as causas da sobrecarga durante o semestre.



Nota: Elaborada por Santos (2022).

Assim, observa-se que o viver acadêmico é cheio de grandes cargas de estudos, altos níveis de cobranças e avaliações, que demandam uma reorganização de diversas áreas da vida de uma pessoa (Ariño, 2018; Perez, Brun, & Rodrigues, 2019). Todavia, se faz importante salientar que muitos dos discentes deste estudo (46,20%) não consideram a universidade como a fonte causadora destes sintomas e seus possíveis desdobramentos, todavia acreditam que a universidade possui um papel significativo no agravamento destes (80,84%).

Tais informações vão ao encontro dos estudos de Costa e Nebel (2018) e Andrade e Pires (2020) os quais apontam que em diversos estudos, nacionais e internacionais, as doenças mentais comuns, como depressão e ansiedade, estão mais presentes nos universitários do que no restante da população. Assim, observa-se que o estudante universitário necessita apresentar e desenvolver recursos cognitivos e emocionais complexos e específicos para o manejo das demandas existentes até a sua formação (Padovani et al., 2014).

Sobre as fontes de prazer na universidade, foram apontadas principalmente a convivência com os amigos (30,77%) e estudar (15,38%), todavia 19,23% relataram que não existe nenhuma fonte de prazer na universidade. Os participantes consideram as relações interpessoais com os colegas de curso boa (57,69%), bem como com os professores (57,69%).

Destaca-se que a relação com os pares foi um fator analisado nos estudos de Ariño (2022, p. 116), deste modo, o “fator relações com pares é compreendido como o nível de satisfação com os colegas de sala de aula e o envolvimento com outros estudantes e senso de pertencimento ao grupo”. Quanto mais os estudantes se sentem bem consigo mesmos e no ambiente universitário, mais se engajam emocionalmente nos estudos, o que estimula o desenvolvimento cognitivo (Amaral & Trombini Frick (2022).

Sobre as atividades realizadas sem vínculo direto com o curso, foram apontadas a prática de atividade física (61,50%) e cursos de capacitação (7,70%), porém 19,10% relataram não participar de nenhuma atividade fora do curso. Neste contexto, a realização de atividade física possui benefícios para a saúde mental, como a diminuição do estresse, ansiedade e depressão, além de melhorar a qualidade de vida de pessoas com doenças não psiquiátricas. Além disso, auxilia na socialização, aumentando os laços de afetividade entre as pessoas, “ameniza a sensação de isolamento, tornando a pessoa mais envolvida e cooperativa nas atividades em que participa melhorando sua disposição física, aumentando a sua autoestima, bem como reduzindo a ociosidade” (Lourenço et al., 2017, p. 2).

Com relação às medidas adotadas especificamente pela instituição ao desenvolver uma política institucional de bem-estar e saúde mental para a comunidade acadêmica (Programa Mais Vida), 73,10% dos participantes responderam nunca terem ouvido falar do programa e dos que ouviram, 69,20% não conheciam nenhuma ação desenvolvida por este. Fato que chamou a atenção, pois o Programa Mais Vida executou diversas ações de atenção à saúde mental dos estudantes de 2018 a 2020. O que nos leva a refletir sobre “como fazer chegar o que acontece dentro da universidade para os próprios universitários?”

Sobre o Programa Auxílio Saúde, 57,70% dos universitários declararam não conhecer o programa e 42,30% responderam que o conheciam, todavia, nenhum aluno da turma (100%) o solicitou. A maioria dos participantes (65,40%) também não conheciam o setor de Serviço de Apoio Social, Pedagógico e Psicológico (SASPP) e nenhum dos acadêmicos (100%) participou de ações desenvolvidas pelo setor.

Sobre a participação em oficinas, palestras e/ou seminários que abordassem o tema “Prazer e Sofrimento na Universidade”, 80,80% dos participantes responderam que já participaram de alguma atividade com esta temática. Quanto às medidas adotadas pela universidade no que se refere a prevenção do sofrimento, 26,92% afirmaram que as medidas foram positivas e satisfatórias, 23,08% responderam que foram positivas mas não satisfatórias e 26,92% afirmaram não conhecer essas medidas.

O conhecimento e participação a respeito dessas medidas institucionais, são corroboradas com as seguintes verbalizações: “Falta uma divulgação efetiva. Muitas pessoas não recorrem a esses programas porque não têm conhecimento. É preciso expandir o acesso”; “Conheço o programa Mais Vida a partir da disciplina, fora isso não conhecia antes. A universidade precisa expandir as ações porque mesmo ainda poucas pessoas sabem dessas intervenções”; “Não posso opinar, acho que tem pouca divulgação”; “Não sei responder”; “Ainda não tive conhecimento sobre nada”; “Não sei, precisamos analisar dados”; “Acho que essas medidas começaram a ser intensificadas agora e creio que só de o tema estar sendo debatido na Universidade entre os alunos e as ações que são oferecidas pela universidade, sendo divulgadas, já é um bom resultado, mas acho que podem apresentar resultados ainda melhores se o trabalho continuar”; “Apesar de oferecer essa oportunidade, há muita burocratização e uma demanda grande, que acaba congestionando o sistema”.

A partir das informações apresentadas compreende-se que o desenvolvimento na jornada acadêmica e de formação universitária devem ser garantidos, sendo primordial proporcionar e manter condições saudáveis de permanência, para preparar os estudantes para a vida e a sua inserção no mercado de trabalho (Perez, Brun, & Rodrigues, 2019; Santos, 2018). Assim, a gestão das universidades deve buscar a implementação e adequação de medidas de prevenção do sofrimento e promoção da saúde. Em relação aos estudantes que já necessitam de apoio, orientação ou tratamento é importante que as instituições os identifiquem o quanto antes, de forma a proporcionar programas de apoio, buscando garantir o desenvolvimento de habilidades favoráveis ao enfrentamento do sofrimento e adoecimento desses estudantes (Oliveira et al., 2017).

Desta forma, observa-se que a organização do trabalho na universidade, ao evidenciar o confronto do trabalho prescrito com o trabalho real, contribui para potencializar o prazer ou o sofrimento aos estudantes, e ao se utilizar da inteligência prática e/ou outros mecanismos, estes podem reconhecer sua resistência e trabalhar seus conhecimentos e as diferentes formas de saber-fazer, possibilitando a criação de estratégias subjetivas e ações que possibilite a alteração da sua realidade e/ou da sua perspectiva, conquistando saúde e o prazer no trabalho (Lancman, 2011; Mendes & Muller, 2013; Tschiedel & Monteiro, 2013).

Partindo da premissa que o estudante de graduação é um trabalhador da academia, ou como disseram Moraes et al. (2021), um trabalhador acadêmico, foi possível observar, a partir das análises aqui realizadas, que os estudantes da Turma A são trabalhadores em decorrência do tipo de trabalho empreendido no percurso da formação (Alves, Ghizoni & Silva, 2023; Perez, Brun, & Rodrigues, 2019; Silva et al. 2021). Assim, compreende-se que o estudar exige esforço,

que transforma e emancipa o sujeito, cria identidade, cultura e relações interpessoais, entretanto de forma invisibilizada na sociedade contemporânea (Alves, Ghizoni & Silva, 2023; J. V. Silva, 2019; J. V. Silva et al., 2021;).

Considerações finais

Diante dos objetivos analisados na presente pesquisa, buscou-se identificar os fatores que contribuíram para os processos de prazer-sofrimento de universitários de Jornalismo e Medicina, de uma IFES do norte do país, mapeando os principais sintomas de sofrimento e de prazer dos participantes, bem como sobre a participação destes em atividades ofertadas pela universidade envolvendo saúde mental.

Assim, observou-se como fontes de sofrimento a sobrecarga de atividades acadêmicas, dificuldades em conciliar todas as atividades que se propõem a fazer, a alta quantidade de disciplinas a serem cursadas no semestre, a dedicação fora de sala de aula para estudar para provas e trabalhos, que tornam esta carga horária excessiva, bem como a desorganização de alguns professores, a construção do Trabalho de Conclusão de Curso, as cobranças exorbitantes, o ambiente competitivo, a cultura do não erro e a pressão de ingresso no mercado de trabalho.

Já as fontes de prazer centram-se na convivência com amigos, colegas de curso e os professores. O ato de estudar em si também aparece como uma fonte de prazer. Deste modo, observa-se que fatores geradores de sofrimento também são promotores de prazer e vice-versa, o que se pontua é a distribuição das cargas de trabalho e o afeto neste processo de estudar. Pois o estudar é um promotor de sofrimento pela sobrecarga, todavia, também é fonte de prazer por estarem em processo de formação em uma universidade pública federal. A relação com os professores é fonte de prazer, mas também é sinalizada como fonte de sofrimento quando há desorganização na prática docente.

Assim, se faz de extrema importância não negligenciar a saúde mental e a qualidade de vida da comunidade universitária, que cada vez mais sofre cobranças de todos os lados. É preciso capacitar os profissionais que atuam na área de assistência estudantil, para que estes possam criar projetos e desenvolver ações, juntamente com os docentes que atuam diretamente com os discentes, a fim de ressignificar o sofrimento, promovendo bem-estar e qualidade de vida, evitando o surgimento e/ou agravamento de patologias e ideações suicidas, bem como a efetivação do suicídio.

Conclui-se a partir deste estudo que as relações sociais, que alicerçam e constituem os processos individuais, são desenvolvidas por acordos, simetrias, partilhas e solidariedades

sendo muito importante para se construir e zelar por boas relações interpessoais. Portanto, é necessário por parte dos universitários criatividade para atender as novas solicitações e demandas dessa organização do trabalho, ressignificando a jornada de sofrimento para crescimento e desenvolvimento.

Acredita-se que este estudo contribua não apenas com os processos relativos à saúde mental do estudante em si, mas também com a relação destes com os discentes, técnicos administrativos, trabalhadores terceirizados e outros membros da comunidade em geral. Assim, a gestão das universidades também necessita se conscientizar e contribuir com a saúde mental da comunidade acadêmica como um todo, por meio de implementação e adequação de medidas de prevenção do sofrimento e promoção à saúde, a fim de criar ambientes mais saudáveis e de menos riscos ao adoecimento e suicídio. Àqueles que necessitam de apoio, orientação e/ou tratamento é importante que as instituições criem mecanismos de identificação e acolhimento, bem como busque garantir o desenvolvimento de habilidade para o enfrentamento dos causadores de sofrimento e adoecimento.

Evidenciando, desta forma, a necessidade que as instituições de ensino superior mantenham e criem debates e ampliem a rede com outras instituições, criando e multiplicando ações voltadas a temática da saúde e do adoecimento dos universitários. Reforça-se também a importância da disponibilização de recursos financeiros para o custeio, com investimentos para o desenvolvimento e na manutenção de projetos e ações, favorecendo estudos e práticas que previnam e combatam o sofrimento dos universitários e que envolvam toda comunidade universitária.

As limitações apresentadas neste estudo centram-se no instrumento utilizado, uma vez que se identificou, posteriormente, a necessidade de haver perguntas de modo a identificar o sofrimento ético e o sofrimento criativo em profundidade suficiente para uma discussão pretendida.

Sugere-se, para pesquisas futuras, investigar como fatores institucionais e socioculturais têm impacto na saúde mental dos estudantes, realizando uma pesquisa em âmbito nacional, acrescentando a questão de raça, cor e etnia, gênero, renda familiar e as formas de violências e assédios nas universidades. Acredita-se também que investigar as estratégias defensivas utilizadas pelos estudantes para amenizar o sofrimento e/ou adoecimento no processo de formação pode ser pertinente para uma agenda de pesquisa futura. Por fim, sugere-se investir em instrumentos de coleta de dados com esta população, adotando uso de *softwares* específicos para estudos em Psicologia (Ramirez-Landaeta & Ghizoni, 2023).

REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de filosofia*. 5ª ed. Martins Fontes.
- AlFaris, E., Irfan, F., Qureshi, R., Naeem, N., Alshomrani, A., Ponnampereuma, G., Yousufi, N. A., Maflehi, N.A., Naami, M.A., Jamal, A. & Van der Vleuten, C. (2016). Os estudantes das profissões de saúde têm uma alarmante prevalência de sintomas depressivos: exploração dos fatores associados. *Educação médica BMC*, 16(1), 279. <http://doi:10.1186/s12909-016-0794-y>
- Aliante, G., Abacar, M., Saquina, B. H. & Aristides, C. L. (2019). Stress em estudantes de graduação em uma universidade pública da região norte de Moçambique. *Trab.En(Cena)*, 4(2), 465-484. <https://doi.org/10.20873/25261487V4N2P465>
- Alves, J. J. *Mobilização Subjetiva para o Prazer-Sofrimento no Trabalho dos Taquígrafos Parlamentares: Uma Prática em Clínica Psicodinâmica da Cooperação*. 2014. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Brasília. Brasília. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15283>
- Alves, L. M. A. de A., Ghizoni, L. D. & da Silva, J. V. (2023). Prazer-sofrimento de estudantes do curso de engenharia elétrica de uma instituição federal de ensino superior. *Cuadernos De Educación Y Desarrollo*, 15(9), 8940–8965. <https://doi.org/10.55905/cuadv15n9-052>
- Amaral, E. L. & Trombini Frick, L. (2022). Engajamento acadêmico e saúde mental positiva entre estudantes universitários. *Revista Internacional De Educação Superior*, 9(00), e023022. <https://doi.org/10.20396/riesup.v9i00.8665450>
- Amaral, G. A., Marcelino, R. S. & Silva, A. L. R. (2020). O trabalho de educadoras da rede pública: entre o gerencialismo e o sofrimento ético. *Trab.En(Cena)*, 5, 2-26. <https://doi.org/10.20873/2526-1487e021001>
- Andrade, A. M. & Pires, E. U. (2020). Avaliação dos níveis de ansiedade dos estudantes da UFRRJ. *Trab.En(Cena)*, 5(1), 248-268 <https://doi.org/10.20873/25261487V5N1P248>
- Anjos, F. B. (2013). Organização do trabalho. In F. de O Vieira, A. M. Mendes, A. R. & C. Merlo. (Org.), *Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho* (pp. 267-272). Juruá.
- Aragão, J. C. S., Casiraghi, B., Mota, Érica M., Abrahão, M. A. B., de Almeida, T. A., Baylão, A. C. do P. & Araújo, P. A. M. T. (2017). Saúde mental em estudantes de medicina. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, (14), 038-041. <https://doi.org/10.17979/reipe.2017.0.14.2267>
- Aranha, M. L. A. R. (1996). *História da educação*. 2 eds. rev. atual. Moderna, 1996.
- Araújo, J. N. G. (2008). Entre servidão e Sedução do Trabalhador: Uma Secular Insistência do Capital. In Ana Magnólia Mendes. *Trabalho e saúde: o sujeito entre a emancipação e a servidão*. (pp. 54-68). Juruá.
- Arenas, D. L., Viduani, A., Zortéa, F. & Bassols, A. M. S. (2019). Pega leve - saúde mental do estudante universitário: um relato de experiência. *Trab.En(Cena)*, 4(2), 519-530. <https://doi.org/10.20873/25261487V4N2P519>

- Ariño, D. O. (2018). *Relação entre vulnerabilidade psicológica, vivências acadêmicas e autoeficácia em estudantes universitários* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/189946>
- Ariño, D. O. (2022). *Estudos psicométricos de uma escala de avaliação de estressores acadêmicos em estudantes universitários* [Tese de Doutorado em Psicologia]. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Ariño, D. O., Cruz, R. M., Ródio-Trevisan, K. R. & Gai, M. J. P. (2023). Fatores associados à saúde mental de estudantes universitários: proposta de modelo teórico. *Trabalho (En)Cena*, 8, e023013. <https://doi.org/10.20873/2526-1487e023013>
- Barboza, E. L. G., Dantas, E. L. B. & Santos, M. A. (2019). Adoecimento mental no trabalho: uma realidade dos dias atuais. *Trab.En(Cena)*, 4(2), 506-518. <https://doi.org/10.20873/25261487V4N2P506>
- Barros, R. N. & Peixoto, A. L. A. (2023). Saúde Mental de Universitários: Levantamento de Transtornos Mentais Comuns em Estudantes de uma Universidade Brasileira. *Cuadernos de Psicología*, 25(2), e1958–e1958. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1958>
- Barroso, S. M., Ferreira, H. G. & Pacheco, J. T. B. (2023). Mental Health Profiles of University Students and Associated Life Habits. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 39(spe). <https://doi.org/10.1590/0102.3772e39nspe06.en>
- Beiter, R., Nash, R., Mccrady, M., Rhoades, D., Linscomb, M., Clarahan, M. & Sammut, S. (2015). The Prevalence and Correlates of depression, anxiety, and Stress in a Sample of College Students. *Journal of Affective Disorders*, 173(1), 90–96. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2014.10.054>
- Bueno, F. S. (1988). *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. Lisa.
- Caponi, S., Amorim, L. C. Brzozowski, F. S., Vásquez, M. F., Bender, M. & Santos, J. (2021). *Sofrimento psíquico em acadêmicos da Universidade Federal de Santa Catarina*. Relatório de Pesquisa, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, NESFHIS/UFSC, Florianópolis. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/239798>
- Cecchin, H. F. G., Murta, S. G., Macedo, E. O. S. de & Moore, R. A. (2022). Scoping review of 30 years of suicide prevention in university students around the world: efficacy, effectiveness, and cost-effectiveness. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 35(1). <https://doi.org/10.1186/s41155-022-00227-x>
- Conceição, L. S.; Batista, C. B.; Dâmaso, J. G. B.; Pereira, B. S.; Carniele, R. C. & Pereira, G. S. (2019). Saúde mental dos estudantes de medicina brasileiros: uma revisão sistemática da literatura. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, 24(03), 785-802. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772019000300012>
- Costa, E. G. & Nebel, L. (2018). O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. *Polis*, 17(50), 207-227. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-65682018000200207>
- Costa, M. M., Nunes, R. S., Pereira, A. S., Selari, L.S., Ferreira, G. V. S., Scalabrini, C. L. O., Lúcio, D. N. & Pires, R. V. (2023). A saúde mental dos estudantes universitários da área

- da saúde: uma revisão integrativa de literatura. *Peer Review*, 5(7), 219–233. <https://doi.org/10.53660/391.prw1009>
- Coutinho, M. C. (2009). Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12(2), 189-202. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v12i2p189-202>
- Cutrim, R. S. & Leda, D. B. (2020). A financeirização do ensino superior privado e suas repercussões na dinâmica prazer e sofrimento do trabalhador docente. *Trab.En(Cena)*, 5(1), 53-74. <https://doi.org/10.20873/25261487V5N1P53>
- Da Matta, A. H. A., Câmara, V. M. S. & Bonadiman, H. L. (2019). Análise do mal-estar do estudante universitário na perspectiva do perfil da clientela e das queixas acolhidas no atendimento psicológico de uma universidade federal. *Revista Humanidades & Inovação*, 6 (8), 48-58. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1249>
- Dejours, C. (2007). *A psicodinâmica do trabalho na pós-modernidade*. In A. M. Mendes, S. C. C. Lima, E. P. Facas (Orgs.). *Diálogos em Psicodinâmica do trabalho*. Paralelo 15.
- Dejours, C. (2011). Avant-propos para a edição brasileira. Em S. Lancman & I. Laerte (Orgs.), *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (pp. 23-30). Paralelo 15.
- Dejours, C., & Abdoucheli, E. (1994). Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In E. Abdoucheli, C. Dejours, & C. Jayet. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho* (pp. 119-145). Atlas.
- Farahangiz, S., Mohebpour, F. & Salehi, A. (2016). Assessment of mental health among Iranian medical students: a cross-sectional study. *International journal of health sciences*, 10(1), 49. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4791157/>
- Ferrari, I., Nascimento, A. M., & Martins Filho, I. G. S. (1998). *História do trabalho, do direito do trabalho e da justiça do trabalho*. LTr.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. (3ª ed). Porto Alegre: Artmed.
- Furquim, M. C. A. (2001). *A cooperativa como alternativa de trabalho*. LTr.
- Fuzeira, V. (2018). Morte de estudante na Universidade de Brasília suspende aulas. *Metrópoles*. <https://www.metropoles.com/distrito-federal/morte-de-estudante-na-universidade-de-brasilia-suspende-aulas>
- Gerhardt, T. E. & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de pesquisa*. Editora da UFRGS.
- Giongo, C. R., Monteiro, J. K. & Sobrosa, G. M. R. (2015). Psicodinâmica do trabalho no Brasil: revisão sistemática da literatura. *Temas em Psicologia*, 23(4), 803-814. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2015.4-01>
- Graner, K. M. & Cerqueira, A. T. de A. R. (2019). Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(4), 1327–1346. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.09692017>

- Lancman, S. (2011). O mundo do trabalho e a psicodinâmica do trabalho. In S. Lancman & I. Laerte (Orgs.), *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (pp. 17-36). Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz, Paralelo 15.
- Leite, E. G. B., Teixeira, M. M., Nascimento, P. R., Moura, R. C. & Oliveira, S. M. D. (2015). Política de apoio psicopedagógico da UFT: o caso do Campus Universitário de Palmas. Em Roberto F. Carvalho (Org.), *Educação superior, formação e trabalho educativo* (pp.194-219). Editora da PUC Goiás.
- Lourenço, B. S., Peres, M. A., Porto, I. S., Oliveira, R.M. P. D. & Dutra, V. F. D. (2017). Atividade física como uma estratégia terapêutica em saúde mental: revisão integrativa com implicação para o cuidado de enfermagem. *Escola Anna Nery*, 21(30),1-8. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2016-0390>
- Martins, L. (2005). Os “sentidos do trabalho” docente universitário em tempos neoliberais. *Revista da UFG*, 7(2), 21-24. <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48782>
- Martins, S. R., Moraes, R. D. & Lima, S. C. (2010). Sofrimento, defesa e patologia: o olhar da psicodinâmica sobre a violência no trabalho. In Ana Magnólia Mendes (Org.), *Violência no trabalho: perspectivas da psicodinâmica, da ergonomia e da sociologia clínica* (pp. 19-39). Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- Mcmichael, A. J. & Hetzel, B. S. (1974a). Patterns of help-seeking for mental illness among Australian University students: An epidemiological study. *Social Science & Medicine*, 8(4), 197-206. [https://doi.org/10.1016/0037-7856\(74\)90110-3](https://doi.org/10.1016/0037-7856(74)90110-3)
- MCmichael, A. J. & Hetzel, B. S. (1974b). An Epidemiological Study of the Mental Health of Australian University Students. *International Journal of Epidemiology*, 3(2), 125-134. <https://doi.org/10.1093/ije/3.2.0.125>
- Mendes, A. M. & Muller, T. C. (2013). Prazer no trabalho. Em Fernando O. Vieira, Ana Magnólia Mendes, & Álvaro R. C. Merlo (Orgs.), *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho* (pp. 289-292). Juruá.
- Moraes, R. D. (2013). Estratégias defensivas. In F. O. Vieira, A. M. Mendes, & A. R. C. Merlo (Orgs.), *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho* (pp. 153-158). Juruá.
- Moraes, R. D. de., Ghizoni, L. D., Pinheiro, C. J. & Silva, J. V. da. (2021). Dimensão subjetiva do trabalho acadêmico de estudantes da pós-graduação stricto sensu no Brasil. In J. K. Monteiro et al (Org.), *Trabalho, precarização e resistências* (pp 328-364). EDUFMA.
- Mousa, O. Y., Dhamoon, M. S., Lander, S. & Dhamoon, A. S. (2016). The MD Blues: Under-Recognized Depression and Anxiety in Medical Trainees. *PLOS ONE*, 11(6): e0156554. <https://doi:10.1371/journal.pone.0156554>
- Neves, A. L. M., Ramos, É. S., Marangoni, V. L. & Martins, G. C. (2019). Saúde mental e universidade: experiência do “espaço de atendimento psicossocial (epsico)”. *Trab. En(Cena)*, 4(2), 531-542. <https://doi.org/10.20873/25261487V4N2P531>
- Odrizola-González, P., Planchuelo-Gómez, Á., Irurtia, M. J. & de Luis-García, R. (2020). Psychological effects of the COVID-19 outbreak and lockdown among students and

- workers of a Spanish university. *Psychiatry research*, 290, 113108. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113108>
- Oliveira, A. S., Macedo, E. B. & Sousa, I. L. (2020). Sofrimento psíquico entre os discentes do ensino superior. *Trab. En(Cena)*, 5(1), 213-226. <https://doi.org/10.20873/25261487V5N1P213>
- Oliveira, G. F., Pereira, T.N., Carreiro, D. L., Coutinho, W. L. M. & Coutinho, L. T. M. (2017). Existe relação entre transtorno de ansiedade e trabalho entre estudantes de psicologia? *Rev. Laborativa*, 6(1) (especial), 27-42. <https://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa/article/view/1488>
- Oliveira, M. C. L. & Silveira, S. B. (2012). O(s) sentido(s) do trabalho na contemporaneidade. *PPG linguística/UFJF, Juiz de Fora*, 16(1), 149-165. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25045>
- Padovani, R. da C., Neufeld, C. B., Maltoni, J., Barbosa, L. N. F., Souza, W. F. de, Cavalcanti, H. A. F. & Lameu, J. do N. (2014). Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 10(1), 2-10. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20140002>
- Perez, K. V., Brun, L. G. & Rodrigues, C. M. L. (2019). Saúde mental no contexto universitário: desafios e práticas. *Trabalho En(Cena)*, 4(2), 357-365. <https://doi.org/10.20873/2526-1487V4N2P357>
- Pinto e Silva, E., Todaro, A. P. & Reis, A. C. (2020). O sofrimento do universitário e suas relações com a dinâmica da universidade. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 7(18), 37-75. <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/5528>
- Pinto, M. P. P. & Colares, M. F. A. (2015). O estudante universitário: os desafios de uma educação integral. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 48(3), 273-81. <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/104320>
- Ramirez-Landaeta, J. J. & Ghizoni, L. D. (2023). Recensão de Vieira e Moraes (Orgs.) (2023). *Psicometria em Rede: Aplicações em Psicologia e Saúde. Quaderns de Psicologia*, 25(3), e2091. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.2091>
- Richardson, R. J. (2017). *Pesquisa social: Métodos e técnicas. Colaboração Dietmar Klaus Pfeiffer*. (4ª ed rev. atual. e ampl.). Atlas.
- Salgado, C. C. R., Aires, R. F. F. & Santos, F. J. S. (2018). Dialética do “prazer e sofrimento”: a relação de mestrandos e doutorandos com seu trabalho acadêmico. *CONTEXTUS – Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 16(2), 113-145. <https://doi.org/10.19094/contextus.v16i2.1049>
- Santos, M. F. (2018). *Percurso universitário: saúde e adoecimento do estudante* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/17067>
- Santos, M. J. G. (2022). *Atividade acadêmica enquanto trabalho: Processos dos estudantes da optativa prazer e sofrimento na universidade (Turma A)*. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Universidade Federal do Tocantins, Tocantins. <http://hdl.handle.net/11612/5338>

- Silva, A. M. *Estudantes Universitários: entre ter saúde e adoecer* (2020). [Trabalho de Conclusão de Curso]. Universidade Federal do Tocantins, Tocantins. <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/3316/1/Andressa%20Macedo%20Silva-%20TCC.pdf>
- Silva, E. P.; Todaro, A. P. & Reis, A. C. (2020). O sofrimento do universitário e suas relações com a dinâmica da universidade. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 7(18), 37-75. <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/5528>
- Silva, J. V. (2019). “*Estudar, para um pós-graduando stricto sensu, é o trabalho!*” [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Tocantins, Tocantins. <http://hdl.handle.net/11612/2954>
- Silva, J. V., Ghizoni, L. D. & Cecchin, H. F. G. (2022). O Trabalho Invisível: Prazer e Sofrimento na Produção Científica Stricto Sensu. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 22(1), 1911-1919. <https://doi.org/10.5935/rpot/2022.1.22912>
- Silva, J. V., Ghizoni, L. D. & Lage, L. R. (2021). O reconhecimento do estudante de pós-graduação como trabalhador: vulnerabilidades, desrespeitos e a busca pela realização pessoal. Em P. Jácome, L. Vidigal, E. Chagas Junior, & G. Porto. (Org.), *Narrativas midiáticas, experiências e pesquisas amazônicas*. (pp. 229-246). 1(1). SELO PPGCOM/UFMG.
- Silva, J. V.; Ghizoni, L. D. (2023). Produtivismo acadêmico e sofrimento na pós-graduação em comunicação no Brasil. In A. Araújo-Oliveira, F. de O. Vieira & I. Chouinard (Eds.), *Estágios em profissões relacionais: olhares múltiplos e perspectivas de investigação* (pp. 103-130). Editora Fi. <https://doi.org/10.22350/9786585725187>
- Silveira, D. T. & Córdova, F. P. (2009). A pesquisa científica. Em T. E. Gerhardt, & D. T. Silveira (orgs.). *Métodos de pesquisa*. Editora da UFRGS.
- Sousa, I. A. C. M. O. & Mendonça, H. (2009). Justiça organizacional, prazer e sofrimento no trabalho: análise de um modelo mediacional. *Revista de administração mackenzie*, 10(4), 57-74. <https://doi.org/10.1590/S1678-69712009000400004>
- Souza, H. A. & Bernardo, M. H. (2019). Prevenção de adoecimento mental relacionado ao trabalho: a práxis de profissionais do Sistema Único de Saúde comprometidos com a saúde do trabalhador. *Rev. bras. saúde ocup.*, 44(26), 1-8. <https://doi.org/10.1590/2317-6369000001918>
- Tschiedel, R. M. & Monteiro, J. K. (2013). Prazer e sofrimento no trabalho das agentes de segurança penitenciária. *Estudos de Psicologia*, 18(3), 527-535. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2013000300013>
- Vasconcelos, A. C. L. (2013). Sofrimento ético. In F. O. Vieira, A. M. Mendes, & A. R. C. Merlo (Orgs.), *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho* (pp. 421-426). Curitiba, PR: Juruá.
- World Health Organization (2014). *Preventing suicide: a global imperative*. Geneva: WHO.

Informações sobre os autores

Liliam Deisy Ghizoni

Endereço institucional: Quadra 109 Norte - Av. NS 15 - Plano Diretor Norte, Palmas TO – Brasil, CEP 77001-923.

E-mail: ldghizoni@gmail.com

Janaína Vilares da Silva

E-mail: vilaresjana@gmail.com

Marcos Jhones Gomes dos Santos

E-mail: marcosjhonesadm@gmail.com

Contribuições dos Autores	
Autor 1	Contribuiu com a redação do texto, análises, correções e revisão do texto final.
Autor 2	Contribuiu com a redação, análises, revisão textual, edição do texto para submissão, acompanhamento da submissão.
Autor 3	Contribuiu com a seleção dos artigos para revisão de literatura, tabulação dos dados, redação do texto e análises.